

MADALENA OU O ETERNO RETORNO DO NADA.

MADALENA OR THE ETERNAL RETURN FROM EMPTINESS

Arcângelo da Silva Ferreira¹.

Faltavam poucos minutos para a hora exata em que costumava chegar. Antes, em casa logo que despertou, o espelho, lhe revelou uma vaga lembrança de quando sonhava e, estranho, um silêncio lhe rondou os ouvidos. Logo percebeu que o barulho estava lá, sons que identificavam o caos daquela cidade que há muito vivia. O silêncio, vinha da alma!

Ele não costumava dar Bom diiiiaaaa! As palavras não eram nada naquele lugar sem palavras, pensou. A poucos passos de sua mesa, a mesma saia azul falando ao telefone. Fantasiou, procurando o inalcançável odor da felicidade. Depois veio uma sensação nauseante. O lugar cheirava a papéis velhos e homens pálidos. Então, deixou que mais uma vez sua vida fosse protocolada.

Longas horas se passaram. Até que percebeu que já era o momento de parar, os outros se preparavam para o chope da sexta. Com gestos incógnitos dissimulou, taciturno.

Agora, trafegando pela Rua das Acácias e longe das cores do fim do dia, incomum, decidiu voltar pra casa. Ao descer do ônibus, o bairro não teve a chance de ver seu corpo cansado parar e pedir, como sempre fazia eternamente àquela hora, fingindo certo humor, por favor, um copo. Que nada, a silhueta transmutando no calor da alameda quase sem luz. E insetos fugindo de seus paços. Imagem que nenhuma lembrança descreveria, tampouco a solidão do momento.

Minutos depois, entrou em casa sem deixar o ranger da porta despertar o ronco que vinha lá do quarto. Seu cão, já não rosnava mais. Ficava sempre ali, no mesmo canto, quieto. Na cozinha, Lavou as mãos para tomar um gole de algo, viu que estavam mais sujas. Entre os dedos, bactérias extraídas dos calhamaços que carimbara o dia inteiro. Nem toda água do mundo limparia suas mãos pútridas, pensou. Mais uma vez estava vendo

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (ICHL - UFAM); professor de História no Centro Universitário do Norte – Uninorte. arcasferreira@hotmail.com.

coisas, talvez fosse o cansaço. Exausto. Foi dormir. Na cama, após o banho, senti o peso de não ter ficado na rua. Mas qual seria a razão insólita? Sabe-se lá. Pegou no sono. Despertou e percebeu que havia sonhado com carimbos, cachaça, papéis e água. Tava pirando! Olhou pro relógio na parede do quarto: quase na hora de ir pro trabalho.

Quis tomar café. Chegou a pôr a chaleira no fogo. Adoçou-o, já depositado na xícara, mas, logo desistiu. A merda do relógio não deixou. Nem beijou, nem nada! Correu...

Apressando os passos ainda daria pra pegar o mesmo ônibus, e “quem sabe hoje sentar mais perto dela”, dois traços carnudos a caminho da escola. Mas, ao ver-se, novamente como um perseguidor, no reflexo do vidro da janela “daquela lata de sardinhas humanas”, passou ligeiramente as mãos sobre as rugas do rosto e de súbito, as nuvens ficaram cinzas. A infância lhe veio como subterfúgio e quando percebeu já estava com os pés nos paralelepípedos que lhe levariam ao trabalho diário.

Chegou. Depositou seu corpo de oitenta e cinco quilos e um metro e setenta e dois de altura na mesma cadeira que sentava há anos, ladeada pela mesa de cedro empilhada de papéis seiláoquê a espera de carimbos. E Nada. Uma pausa lhe fez sentir sede, como quem quer sentir a si mesmo. Tentou beber água, mas não conseguiu sorver uma gota. Segurando com a mão direita o copo descartável, e com a outra o lado esquerdo do peito, viu a dor refratada no líquido precioso que transbordava o copo, minutos antes de cair duro.

Que aconteceu com ele? Perguntaram a *Fruteira, Copo e Maçãs*, recordação centenária dos tempos áureos pendurada naquela parede morta e ausente de sonhos.

Doze e trinta. O barulho chato do telefone fez Madalena deixar tudo e correr entre os móveis da sala, sob o olhar de Clarice deixada na rede do quarto, para confirmar o desejo que vinha crescendo nesses últimos anos.